

Quando a solidão custa a chegar

When loneliness comes so slowly

Tania Mara Galli Fonseca

Universidade Federal do Rio Grande do Sul

RESUMO:

O presente texto refere-se a uma comunicação oral em mesa-redonda, realizada durante a Jornada da Sociedade de Psicologia do RGS, nos dias 7 e 8 de junho de 2013.

Palavras-chave: Solidão; desamparo; outro; ética

ABSTRACT:

This text refers to an oral communication in a panel discussion held during the Scientific Meeting of the Psychological Society of Rio Grande do Sul, in June 7th and 8th, 2013.

Key-words: loneliness; helplessness; the other; ethics

Consideraria interessante iniciar pelo título que nomeia esta minha fala. Ele chegou-me diante de uma dificuldade óbvia: a de nomear uma produção antes dela ter acontecido. Ou seja, tornava-se necessário que minha fala fosse nomeada antecipadamente para o seu anúncio na programação desta Jornada. Assim, diante da dificuldade e considerando tratar-se a Solidão um tema por si não muito fácil e usual, anunciei que “a solidão custa a chegar”, aludindo, desta maneira, a dificuldade momentânea que encontrava em nomear o que ainda não sabia e, ao mesmo tempo, buscando tirar da frase um segundo sentido que resulta, neste momento, no início desta nossa conversa.

Desta forma, “Quando a solidão custa a chegar” constitui-se já como um arquivo que tentarei desfolhear até o limite de seus sentidos. Numa primeira folha, de imediata leitura, já poderíamos ler estarmos nos referindo a alguma condição que torna dificultoso nosso acesso ao estado de solidão. Condição esta externa à nossa vontade e que aponta, estranhamente, para o nosso desejo: o de estarmos sós. Não estaremos equivocados com a direção dessa primeira leitura intuitiva. Ela já traduz bem aquilo que pensamos a respeito da solidão: queremos a solidão, queremos cultivá-la como um desejo sempre inalcançado, queremos estar sós, e isto parece ferir alguns dos

pressupostos mais potentes de nosso atual modo de viver em sociedade. Trata-se mesmo de considerar que tal proposição se refira a ir a contrapelo das tendências atuais que convocam sem cessar ao “viver juntos”. Trata-se, ainda, de uma crítica aos modos de existir em comunidade, modos fundados num igualitarismo maciço e sem medida, numa solidariedade sorridente e incansável, num olhar sempre torto àqueles que se desviam das rotas programadas do bem comum. Trata-se, outrossim, de um outro olhar sobre o que seria este viver juntos tão apregoado pelos discursos atuais, já transformados que foram em preceitos jurídicos e assistenciais, em normas de conduta moral, em culpabilização e, enfim, em dívida a pagar pelo viver em sociedade.

Sim, a solidão custa a chegar, porque como uma onda que chega à praia, ela deve vencer outras tantas que se sucedem e empilham, deve sobrepassá-las para poder dizer ter chegado sua vez. Desta forma, muitos saltos sobre os ideais do atual “viver juntos” precisam ser efetuados para que se chegue à solidão essencial. Talvez ela nos custe algum exílio, algum êxodo, algum escape. Com certeza sua chegada já seria efeito de uma busca, de um esforço, de um trabalho para fazer passagens às suas forças, muitas vezes colocadas em tensão com as forças das palavras de ordem que se dirigem ao mundo e aos seres a partir da crença de uma harmonia perdida, tal como o paraíso perdido de Adão e que se julga deva ser recuperado. Desta feita, trata-se já de uma palavra diretamente com Deus, da qual estaremos para sempre perdidos. O homem, no paraíso dos sentidos, que não seria nada mais do que a sua completa e perfeita comunicação com o infinito Deus, ou seja, com sua possibilidade de ser multiplicidades, de desenvolver suas múltiplas escolhas de ser, agora, perdido no mundo dos homens e de suas leis, vê-se premido a direções de existir sob algum modo acreditado e acertado como o modo certo e normal. Talvez a chegada da solidão que defendemos somente venha a dar-se pelo recuo que venhamos a fazer frente aos ditames dos regimes sócio-culturais e que, no nosso tempo, expressam-se sob a forma desta outra solidão produzida aos montes pelo capitalismo atual: a angústia do desligamento, como nos diria Pelbart, angústia de se sentir desconectado da rede digital e das redes de vida cujo acesso é mediado por taxas impagáveis para uma imensa maioria. A solidão pela exclusão já se tornou, como sabemos, uma regra geral, já não anuncia singularidades, já não aponta para uma minoria. Estendendo-se como um manto encobridor, misturada à miséria que golpeia massas da população, esta solidão evoca, por sua vez, discursos salvacionistas em que este outro - sem casa, talvez sem país, sem lugar algum e sem palavra -, é tão somente visto como nosso oposto, como aquele que poderia vir a ser

salvo uma vez que se deixe tornar semelhante a nós próprios. Nossa relação com o outro tem sido premida pela pressão à uniformização e pela negação da estranheza que esta diferença produz. Aplainando as variações e as diferenças, colocamos o outro no horizonte de nossa própria identidade e alimentamos a crença de sua possível conversão ao Mesmo que nos habita. A aliança social parece-nos pautada na condição desta promessa e desta busca: a de uma comunidade fundada no Mesmo, unificada pelos mesmos modos de ser e pensar, tomando o outro como um eu-mesmo e fundindo o outro ao eu. Ou seja, a relação entre homens não admite a dessimetria entre eles, suas dissonâncias e suas fissuras. Funda-se no ideal de uma fusão, de uma indiferença às suas singularidades e particularidades, estabelece o pacto social a partir de pressões para uma comunhão daquilo que considera haver em comum entre os homens. Resta, neste momento, perguntarmos: mas existiria este comum entre os homens, ou suas relações são, na verdade, produzidas com base em suas distâncias, em suas separações infinitas?

É certo que, neste momento, não nos dedicaremos a examinar detidamente o tipo de solidão negativa, produzida pela exclusão social. Contudo, não gostaríamos de deixar de mencioná-la, uma vez que a mesma se faz existente e visível aos nossos olhos, em que pese produzir, pelo lado paradoxal com que nos afronta, uma espécie de cegueira que nos defende de reconhecer a desfiliação social em cada um dos sujeitos que encontramos, por exemplo, sob as sinaleiras e nas ruas de nossa cidade. Vivemos, hoje, o paradoxo de termos em cena uma torrente de apelos à solidariedade assistencialista e, ao mesmo tempo, vemo-nos levados à tendência a não ver, a tornar banais e familiares estes estranhos personagens que circulam em torno de nós. Como moscas, os desprezamos e mesmo nem sequer os vemos, passamos indiferentes junto aos seus rostos, eles já se tornaram por demais familiares para que nos importemos com eles. Sua diferença e o estado de seu corpo em lamentável definhamento já não nos produzem estranheza. Consideramo-los como já estando condenados ao negativo, como riscados das possibilidades, tornaram-se já sobreviventes, apenas esperam, no fio das calçadas ou à beira das janelas de nossos carros, uma morte anunciada e desamparada. Tornaram-se extranumerários, já não cabem nos cadernos de linhas retas, poderão ter seus nomes anotados em algum registro policial, hospitalar ou manicomial e, somente assim, sairão de seu anonimato infame. Viventes por um fio, tais sujeitos desfilados e em vulnerabilidade experimentam, sem dúvida, também uma espécie de solidão: esta solidão de não pertencer, a solidão da perda dos vínculos sociais e afetivos, a solidão do olhar cego que não os vê apesar de estarem presentes, a solidão do pedido que não é

escutado, a solidão de ser considerado indigno para receber a palavra e mesmo de proferi-la. Sim, poderíamos falar por muito tempo desta espécie de solidão de tais moribundos sociais. Eles afligem-nos, preocupam-nos e, em nossa pesquisa, voltamos a eles para que venham à luz e à palavra após tanto tempo de emudecimento e silenciamento. As vidas infames refletem o fracasso dos ideais do viver juntos e do pacto social fundado na busca da unificação entre os homens. Sua existência pode ser indicativa da vida tornada nua, tornada sacrificável e regida pelo “deixar morrer” de nossa atual biopolítica. Elas testemunham, sobretudo, a vida sem qualidades, em que ninguém mais se reconhece a não ser como mercadoria intercambiável. Testemunhando o estado hipnótico em que estamos mergulhados, tais vidas demonstram a dissolução das formas institucionais ou identitárias que asseguravam alguma consistência ao laço social, levam-nos à reiteração de uma gregariedade atomizada e nos fazem indagar: o que ainda poderia nos sacudir de nossa letargia? O que ainda poderia operar como um curto-circuito em tal contexto de sobrevivencialismo maciço? Quais e quantos gestos podem ainda reivindicar uma outra relação entre aquilo que é desejável e aquilo que é intolerável, entre solidão e vida coletiva? Existiriam possibilidades de uma comunidade dos sem comunidade, comunidade produzida pelas distâncias existentes entre os homens, sem base na crença da existência de um em comum que unificaria os homens? Falamos de uma comunidade calcada nas diferenças, calcada no outro do homem, liberta tanto do sonho da comunicação perfeita como da sanha em tornar iguais todos os homens. Pensamos em uma comunidade fundada na simpatia, no contágio a-paralelo que a eleva à última potência de conferir a qualquer um dos homens o direito de estar e ser com o seu próprio Outro, assumindo a existência como um trabalho árduo para o não-apagamento de tais singularidades. O homem como o inacessível, como o desconhecido, como único em seus enigmas potenciais. O homem como o nó problemático, cuja resolução somente se dá aos poucos e a cada vez; o homem cujo rosto pode portar mil faces que espelham, por sua vez, uma após uma, ou uma sobre a outra, as condições históricas e momentâneas de sua humanização, esta considerada sempre como obra inacabada e contingente.

Pensando a relação do homem com o homem como um jogo sutil de distâncias e ressonâncias, e não mais como algo vinculado ao poder de um sobre o outro, à tendência à uniformização e à massificação, perguntamos: “Como sustentar um coletivo que preserve viva a dimensão da singularidade? Como sustentar uma gentileza que permita a emergência de um dizer, ali, onde cresce o deserto afetivo?” (Pelbart, s/d: 3).

Devemos, pois, distinguir dois tipos de solidão: a negativa, produzida em larga escala, e a positiva, que consiste em resistir a um socialitarismo despótico, como nos indica Pelbart (idem). É da natureza da solidão negativa esconjurar a solidão positiva onde habita o Outro, o Estrangeiro do homem que vem de outro lugar e nunca está onde estamos, não pertence ao nosso horizonte e não aparece em nenhum horizonte representável. Pela solidão positiva, ou seja, pela afirmação de nosso próprio negativo, ou seja, das potências que em nós ainda não se tornaram humanas e que, assim, podem ser chamadas de não-humanas, uma vez que vinculadas à vida singular, já não falaríamos de solipsismo e sim de uma separação, uma vez que admitimos termos erguido barreiras que nos separam de outrem, sendo este outrem o outro que não-eu que me impõe que me ultrapasse infinitamente: refiro-me, aqui, a uma relação que me remete ao que me ultrapassa e me escapa na medida mesma em que, nesta relação, eu sou e permaneço separado daquilo que sou. Então, seria preciso concluir, juntamente com Blanchot (2001: 113), que “se a relação do homem frente ao homem é terrível, é que ela nos prende nesta alternativa: falar ou matar, e que, nesta alternativa, a palavra não é menos séria do que a morte que a acompanha – como sua outra face”. Tomado como o inacessível, o homem pode, frente ao outro, falar ou matar. Caim matando Abel, é o eu que, chocando-se à transcendência de outrem, tenta enfrentá-la recorrendo à transcendência do assassinato. “A Abel, Caim diz: naquilo por meio do qual pretendes me ultrapassar, tua dimensão de ser infinito e absolutamente exterior, isto que te coloca fora de meu alcance, vou te mostrar que nisto sou mestre, porque enquanto homem de poder, eu também sou mestre do absoluto e faço da morte minha possibilidade”.(Blanchot, 2001: 111-112). Para Caim, o obstáculo que é a presença infinita de Abel é algo que pertence a Abel e da qual ele, Caim, sente-se privado. Assim, quando a presença do outro não é acolhida pelo eu como movimento pelo qual o infinito vem a mim, “a terra deixa de ser vasta o suficiente para poder conter ao mesmo tempo outrem e eu, e é preciso que um dos dois rejeite o outro – absolutamente”. (idem: 112).

Falamos, pois, da relação entre homens não mais como o confronto entre duas figuras, mas o acesso ao homem, à sua estranheza, pela palavra. O que torna sério o movimento no qual o homem se apresenta diretamente ao homem é que não existe reciprocidade de relações, não se estando nunca frente àquele que nos enfrenta. Quando outrem, essencialmente exterior e infinitamente desviado, volta-se para mim, posso dizer que “estar frente a outrem é sempre estar na presença abrupta e sem intermediário, daquele que se volta para mim no contato infinito do desvio”. (idem: 114). É assim que

a palavra se torna este gesto que busca, e fracassa na ligação dos desvios. Ela afirma o abismo existente entre “eu” e “outrem”. A palavra só existe nesta distância infinita, neste intervalo, neste abismo entre o homem e o não-homem, entre o familiar e o estrangeiro. É evidente que neste momento já falamos de um Outro da própria palavra, uma palavra que entra na comunicação como um Fora, palavra que afirma a descontinuidade de toda a relação entre o homem e o homem. “Palavra que não nomeia nunca outrem, mas o chama, para que, desconhecido, se vire para mim” (idem:116), palavra na qual o homem acolhe o homem justamente no que se desvia.

É assim que gostaríamos de colocar algo acerca da solidão. Tem-se abusado muito desta palavra. Mas, no entanto, o que significa “estar só”? Quando é que se está só? A solidão, ao nível do mundo, é uma ferida que não deve ser confundida com recolhimento ou mesmo solipsismo. Trata-se de algo incurável, que entretanto não é uma doença do homem. Trata-se na verdade de sua saúde, de suas reservas de forças, de seus devires e futuros. Podemos falar ou matar o outro com que nos encontramos. Caso nosso encontro somente for da ordem de uma comemoração superficial sem atinar para as implicações íntimas de cada um, não terá havido encontro, no restrito senso da palavra. Para haver encontro é preciso que eu mesma seja lançada ao meu infinito pelos relâmpagos despejados por aquele outro que habita meu Fora. Sempre uma violência, tais encontros nos fazem desviar do que estamos sendo, assinalam em que estamos nos tornando, balizam, quem sabe, nossa coragem para produzir desvios em relação ao nosso tempo presente. Isto tudo não significaria isolamento do mundo. Ao contrário, seria uma abertura às suas forças, seria uma simpatia, uma gentileza, uma amizade com as forças díspares que pedem passagem e às quais oferecemos nosso corpo-pensamento para o acontecimento de sua efetuação.

Uma ética fundada no não-saber, buscando o outro dos mundos e o outro do sujeito, assim como, elevando a linguagem e as expressões humanas também ao estatuto de outro, porque agora se entende que mais difícil do que matar o outro é falar com ele.

Referências

- Blanchot, Maurice. *A conversa infinita. A palavra Plural*. São Paulo: Escuta, 2001.
- Pelbart, Peter Pál. Como viver-só. Palestra no 4º seminário Vida Coletiva, para a 27ª Bienal de São Paulo/ agosto 2006.

Tania Mara Galli Fonseca
Professora titular do Instituto de Psicologia da UFRGS, docente-pesquisadora dos
Programas de Pós-Graduação em Psicologia Social e Institucional e de Informática
Educativa.